



Acampamento do grupo nº 82
Los Pinhal do Arneiro

31-1 de Agosto de 1948



A porta da minha tenda



A primeira refeição é tomada
alegremente



Vista geral do acampamento



É a bandeira flutuando
no cimo dum pinheira



A malta acampada



A saída da missa



A volta da missa



Sub-Guia senior



*Katusya morta
Lahoga viva*





Tinha a mobília partida
A causa toda torcida
Por tantos rocos Ter dado...



Lôs os tres
Saunos tres folhões
Folgasões
Amigos da riachada...

Atenção! Não se esquecer de assistir



Alerta Bombarral!



NAS BODAS DE PRATA DO

CORPO NACIONAL DE ESCUTAS

(Escuteiros Católicos Portuguezes)

Inauguração Solene do

Grupo N.º 50 «Nun'Alvares»

e da

Alcateia N.º 42 «S. João de Brito»

DIAS 18, 19, 20, 22 E 23 DE MAIO DE 1948

PROGRAMA



Dias 18, 19 e 20 (às 21,30 h.)—Conferências preparatórias (só para escutas).

Dia 22 (às 22 h.)—Velada de Armas na Capela da Madre de Deus.

Dia 23 (às 7 h.)—Missa com Comunhão Geral dos Escutas e Lobitos.

Às 9,50 h.—Chegada dos Ex.^{tas} Dirigentes Regionais e das representações dos Grupos e Alcateias de Lisboa, Sintra, Queluz, Amadora, Burreiro, Paço de Arcos, etc.

Às 11 h.—Missa Campal na Mata Municipal, Bênção dos Galhardetes de Grupo e Alcateia, Promessa dos novos Lobitos e Escutas. Desfile e imposição de flores no Monumento aos Aviadores.

Às 13,30 h.—Almoço de confraternização.

Às 15,30 h.—No Cine-Testro, gentilmente cedido aos Escutas, sessão solene.



BOMBARRALENSES!

Honrei a nossa Terra com a vossa presença às solenidades!

Pelas Escutas Bombarralenses!

ARRAIAL! ARRAIAL!

S. JOZÉ! S. NUNO! e PORTUGAL!

Qualquer texto inserido neste afixo sob programa

TERMO DE IMPRESSÃO: 1948

Ofertas do Grupo n.º 5
da Ilha da Madeira



O secretario
do Grupo n.º 5 Baden Powell



A Patrulha local do Grupo 5-
Acampada na Madeira



Partido de 6,58 e refecção oferecida por Santarém
Corpo Nacional de Escutas

(Escuteiros Católicos Portugueses)

SANTARÉM

Inauguração solene da Alcatela n.º 48

“São Frei Gil de Santarém”

Programa

Dias 24, 25, 26 de Junho às 21 h. e 30 m. na Igreja Paroquial de Marvila tríduo preparatório, pregando o Rev. P.^o Manoel Ferreira da Silva, Assistente Regional de Lisboa do C. N. E. e Capelão-Chefe da Casa Pia de Lisboa.

Dia 26 às 22 h. Velada de Armas.

Dia 27 às 9 h. e 30 m. concentração das representações das escutas e grupos de Lisboa, Bombarral, Moscavide, Almada, Sintra, etc., junto à Porta d'Atanarria.

às 10 h. — Missa acompanhada a cânticos, bênção do galhardete da Alcatela e Promessa Solene dos Dirigentes e Lobitos.

às 11 h. e 30 m. — Visita à Sede da Alcatela no largo de São Tiago às Portas do Sol.

às 12 h. — Deposição pelas Lobitos de um ramo de flores no Monumento aos Mortos da Grande Guerra.

às 12 h. e 30 m. — Almoço de confraternização na Casa de Trabalho de Nossa Senhora de Marvila.

às 14 h. — Visita à cidade e seus monumentos.

às 16 h. e 30 m. — No Ginásio do Seminário Patriarcal, gentilmente cedido, Sessão Solene seguida de “Terço Escultista”.

SCALABITANOS! Honrai os Lobitos com a vossa presença às solenidades da inauguração!

Por Santarém!

ARRAIAL!

Pelos Lobitos Scalabitanos!

ARRAIAL!

São Jorge!

São Nuno!

São Frei Gil!

• **PORTUGALI!**





Pomas para que te quiero?

*Festas do Junco Luizet Ramos do Grupo
de Évora*



O Grupo



Group
Fair - 1904

St. John
Cousin St. John
Page 1000

Alcanta
Mr. John de Mores
Page 1000

Excell. Sr.

Jeune Marie de Sacraments Veign

PAGE D'ARCIS



REPORTAGEM SOBRE O ACAMPAMENTO

REGIONAL DE LISBOA DO C. N. E.

do Grupo 82 - PATRÃO LOPES

FAÇO D'ARCOIS

SABADO:- 1 de Maio de 1948

A concentração dos escutas que participavam neste acampamento começou às 18,30 horas na sede do Grupo.

Estavam todos os rapazes com muito boa disposição de espirito e um bocado nervosos pela demora da partida da unidade motivada pelos retardatários.

A partida estava marcada para as 19 horas mas a essa hora só estavam 6.

Enfim lá foram todos cantando alegremente, sem se aperceberem que vão todos eles carregados com as suas mochilas e restante equipamento, para o comboio eléctrico, que chegou a Carcaveiros - local destinado para o acampamento - cerca das 20 e 15; pouco depois chegaram à quinta do Junqueiro, depois de seguirem os sinais de pistas colocados na estrada. Eram 20 e 35.

No bocado de terreno destinado a este Grupo montaram-se três barracas: Uma para os seniores e Chefe do Grupo, outra para a patrulha Leão e outra ainda para a patrulha Esquilo.

A barraca da patrulha Esquilo foi a primeira a ser montada tendo ficado um sénior a dirigir a montagem da mesma.

A refeição era grande neste grupo assim como em todos os outros que o circundavam. Havia um grupo à esquerda que devia ter chegado muito mais cedo pois já tinham montada a cozinha e passou por entre os rapazes uma cheiro muito agradável a comida; infelizmente para eles não seria tão cedo que poderiam também saborear os lanches levados propositadamente para substituir o jantar.

As barracas ficaram completamente montadas às 9 e 3/4.

Às 10 horas da noite foram todos os escutas deste grande acampamento chamados para o Terço por meio de um gong montado ao pé da barraca destinada à Junta Regional de Lisboa e também ao pé do terreno destinado ao Altar campestre.

O Terço foi dirigido pelo Reverendo Padre Ferreira, Assistente Regional, presente no campo durante o Acampamento, isto é, durante os dias 1, 2, e 3 de Maio, duração deste acampamento de confraternização de todos os escutas da Região de Lisboa.

Os escutas deixaram já as mochilas dentro das barracas, e a palma, comprada na ocasião, ficou espalhada no chão a servir de colchão e a preservá-las da umidade.

Eram 10 e 1/4 quando os rapazes partiram para o Terço em acção de graças a Nossa Senhora que presidia naquele momento a um grande acampamento espiritual em Fátima.

O Terço começou às 10 horas e meia e terminou às 11 horas. Cerca do fim começou a chuveirar, mas os escutas ficaram todos insensíveis pois que naquele momento o corpo para eles de nada valia; e o seu espirito estava completamente concentrado na contemplação da Virgem.

Depois da devoção os Chefes Regionais leram as ordens de serviço, do Campo, nº; 1, 2, e 3. Mas nesta altura o tempo piorou, tendo redobrado a intensidade da chuva, o que obrigou os chefes a darem a ordem de dispersar e regressar às suas barracas, no que foram prontamente obedecidos.

No entanto os rapazes, como não conheciam perfeitamente o terreno que pisavam, tiveram que caminhar com precaução para se não afundarem nalgum charco.

Quando os escutas deste grupo chegaram às barracas, aprontaram-nas para a soneca que estava tardando, pois que tinham todos dado o máximo em prol do bem comum.

Foi depois tocava a silêncio - eram 11 horas e meia.

3

Depois de ouvirem vários rumores, como pró-
logo de um sono bem merecido, caiu tudo num silên-
cio profundo.

Na tenda do chefe houve porém dois incidentes
de categoria suficiente para os não deixar de men-
cionar.

O primeiro foi que um dos escutas que dormia
nesta barraca acordou sobresaltado com o ron-
ronar de um animal que andava em volta da barraca.

O rapaz não descançou enquanto não saiu fora
para ver o bicho que assim o incomodava durante a
noite.

Foi enorme o seu espanto quando viu o animal
passar correndo pela porta da barraca e, ele o
afirmou, que lhe tinha parecido que era uma rapo-
sa; no entanto verificou-se no dia seguinte que
era uma cadela que andava à procura de restos de
comida.

O segundo incidente foi provocado por um es-
cuta antes de adormecer que tendo notado ao pé do
seu molíssimo travesseiro (uma mochila) qualquer
coisa, perguntou o que era ao que estava ao seu
lado, ao que este lhe disse que era um dedo da sua
estimadíssima pata (de lobo, está bem de ver).

Durante toda a noite choveu torrencionalmente
ensopando o terreno todo do pinhal.

DOMINGO: - 2

Era cedo, ainda o sol não tinha raiado, e já
se ouviam escutas de algumas barracas tentando
acordar os seus companheiros para admirarem a be-
leza do nascer do sol uma das muitas maravilhas
criadas na Terra pelo espirito genial de DEUS.

Pouco depois a um quarto para as sete, tocou
o gong do campo a anunciar a todo o acampamento a
hora da alvorada.

Nesse momento saíram os bequitos da sua "toca"
aos pulos e os Leões do seu "covil" em passos ma-
gestosos (e não fôsses eles os reis dos animais!).

Ainda estremenhados lá foram todos alegres a
caminho da fonte, que de longe parece um moinho
de vento completamente abandonado, mas que, feliz-
mente, era provido de uma bomba manual, a que esta-
va sempre um sênior para a acionar.

Os cozinheiros em todos os grupos já estão
aprontando o lume a toda a pressa para poderem tor-
near o café da manhã aos seus comensais, e tempo
e horas.

Entretando o chefe deste grupo já distribuiu
as diversas tarefas pelas escutas, que estavam sem
fazerem nada, o que fez com que todo o recinto desti-
nado a este grupo entrasse num período de trabalho
intenso pois que se viam ao mesmo tempo uns a tra-
tar do interior das barracas, outros a irem buscar
lenha, outros a acamá-la junto a uma árvore, outros
a esticarem as cordas das barracas para não terem
mau aspecto, outros ainda foram buscar água para o
acampanamento; enfim, tudo pequenos serviços que apa-
rentemente são desnecessários, mas que realmente
são de suma importância.

Os cozinheiros abriram uma cova rectangular
tendo numa das faces maiores aberto um quadrado des-
tinado a ser o fogão de campanha.

Enquanto todo o grupo se movimentava os aspi-
rantes foram fazer a sua confissão para depois com-
municarem na missa que foi anunciada por meio do
gong às 9 horas da manhã.

Os aspirantes formaram separados dos outros
escutas pois esperava-se que fizessem a sua promes-
sa da manhã na missa campal.

Formou ao lado dos rapazes uma jóvena que tam-
bém era aspirante a escuta.

A missa decorreu normalmente tendo bastantes
escutas comunicadas. Mas o tempo, que de manhã pare-
cia que ia melhorar, nesta ocasião, tornou-se mais
carregado, as nuvens condensaram-se ainda mais do
que já estavam, começou a chover e, quando aca-
bou a comunhão, já chovia torrencionalmente.

Neste incidente da natureza não permitiu que
os jóvens aspirantes fizessem a sua promessa. No
entanto ninguém arredou do santo sacrifício.

Os rapazes voltaram ao acampamento e às 9 e 40
tomaram o seu primeiro almoço constituído por café
e pão com o que cada um levava: queijo, manteiga,
chouriço, etc.

O café foi aquecido no acampamento ao lado que
segundo parece, é o pai deste grupo. - O grupo 80 -
Foi ali que o chefe deste grupo e fundador foi es-
cuta como qualquer outro rapaz .

Os escutas construíram a cozinha e a casa de jantar com toldos para facilitar o serviço do "pobre" cozinheiro que estava afeito sem saber como poderia scender o lume naquelas condições.

A terra do campo estava completamente ensopeada de água por causa das chuvas que caíram durante a noite.

Parece até que a natureza se alicou aos desejos do Chefe do grupo de batizar condignamente os aspirantes a escutas do grupo.

Chuva e vento já eles proveram neste grande santuário de DEUS que é toda a Terra, ou melhor, toda a natureza.

Às 11 e 1/4 ouviu-se o gong anunciando a reunião de guias de juniores.

A chuva continua e não há esperanças de levantar o tempo; os chefes regionais andam a levantar o moral de alguns escutas repetindo a frase de Baden Powell acerca do campismo praticado por rapazes escutas e que reza mais ou menos assim:

COM BOM TEMPO QUALQUER ASNO É ESCUTEIRO

O lume já crepita no fogão da cozinha e o apetite de todos também se está ateando rapidamente.

Um dos juniores foi por ordem do Chefe a Fago d'Arcos buscar a máquina fotográfica que um dos escutas esqueceu na sede e também os seus mantimentos porque o chefe tem dieta.

Entretanto os cozinheiros vão preparando o almoço.

É meio-dia e o chefe está já inquieto com a demora do escuta que foi a Fago d'Arcos. Dá ordem ao sênior para partir e ir a Fago d'Arcos ver se o encontrava.

Enquanto o sênior foi pedir autorização ao chefe de campo para sair o rapaz chegou e disse que não tinha vindo mais cedo por causa da chuva que até aquela altura tinha caído sem cessar.

Pouco depois o chefe e o redactor deste artigo saíram à vila, que ainda fica àcerca de 1 km. de distância a comprar o que faltava e a apreciar a vida escutista sobre todos os seus aspectos.

Voltaram ao acampamento cerca das duas horas e às 2 e 1/2 foi posta a mesa em cima de duas lonas impermeáveis que ficaram com as marcas indeléveis de azeite, entornado por descuido.

Depois do chefe ter dirigido uma oração para que Deus protegesse com as suas graças divinas todos quantos assistiam ao sinogo, este começou de maneira que ao principio só se ouviu o bater dos garfos nos pratos.

Erão 3 e 1/4 quando a mesa foi levantada do seu lugar. - É preciso notar que a mesa era constituida por 2 lonas assentes num lugar sagrado, para todos os portugueses, num bocado de terra de Portugal.

Os ajudantes de cozinha já estão a lavar todo o material sujo neste isto banquete que, constou no primeiro prato de bacalhau com batatas, no segundo para aqueles que tinham uns restos de fome foi batatas com bacalhau; e por aqui se vê que as minhas palavras tem um seguro fundamento.

Entretanto os sapadores, reclamados por um S. J. S. do chefe, foram fazer as valas em volta das barracas por causa da teimosia da chuva, que até agora não levou a melhor a estes bricosos rapazes, flor da juventude portugueza como o demonstraram com a sua persistência depois de uma noite de chuva torrencialmente.

Aqueles que estavam de folga foram julgar com os seus próprios olhos o instinto de uma cedela que para dar vida aos seus filhos, escavou uma toca, dum forma que para uma pessoa que estudasse com aquella construção feita pelo instinto, veria que t tinha todas as condições necessárias para resistir ás intempéries.

Foi feita numa saliência do terreno onde havia dois regos naturais convernando-a e que evitava que as águas que viessem da encoita entrassem para dentro da toca.

Os escutas que descobriram esta maternidade ca nina fizeram com ramos de pinheiro e palha uma pequena casota para evitar que a chuva lá entrasse e para a aerigar do vento.

.....

Uma pequena descripção do campo:

As portas das barracas estavam voltadas para a seara que ficava mesmo na frente d'ellas.

A ultima da esquerda era a do chefe e dos seniores. A do meio era da Esquillo e por fim a da direita era a da patruiña João.

Logo em frente desta ultima barraca estava o fogão e ao lado deste, um pouco recuada estava a lousa

Na mesma hora concedida pelo chefe para todos os rapazes descansarem, alguns foram ver o peival e toda a rede de comunicações que foi formada com a instalação desta centena de barracas.

Outros, munidos de uma máquina fotográfica, foram à procura de novidades para as registarem no papel, para um dia recordarem estas poucas horas felizes e despreocupadas passadas entre alegre rapaziada. Nesse passeio foram até ao campo dos lobitos onde conseguiram focar na lente da máquina 2 irmãs escultoras que se dedicavam, com o verdadeiro espírito feminino, de verdadeiras donas de casa (quero dizer barraca), a fazer o jantar para os lobitos.

As 6 horas da tarde ouve-se o som, ao mesmo tempo alegre e solene, do gong.

Fra o toque de reunir para que todos os rapazes fossem apresentar os seus cumprimentos de boas vindas a mais 4 novos escutas e uma escuta que iam fazer a promessa de cumprir todos os seus deveres para com Deus e a pátria e portanto iam poder dizer bem alto e com orgulho:

- Boa escuta do Corpo Nacional de Escutas - o que equivale a dizer: "pertencço e esta cruzada cristã que combate sem armas guerreiras mas com uma grande arma espiritual: a fé cristã".

Todos os aspirantes esperam ansiosamente o momento de fazerem a sua promessa sobre o Evangelho.

A este acto estão presentes algumas pessoas que foram visitar o acampamento e alguns dos acampados.

Primeiro formaram todos em quadrado ficando os aspirantes do lado direito do altar formado com troncos de árvores e encimado por Nossa Senhora mãe dos escutas.

Os chefes da Junta Regional estavam do lado esquerdo.

As pessoas presentes estavam postadas por detrás do altar e ao lado deste.

Em frente do altar ataram três varas, com as respectivas insígnias das patrulhas, em forma de tripé.

Depois de todos terem cantado o hino de recepção aos novos escutas, que são deste grupo, foram ordenados a descansar para que ouvissem a palestra do assistente do campo, o qual consistiu no enaltecimento dos princípios e escultistas que são os escutas.

No fim da palestra contou a história singela duma alma verdadeiramente escutista que estava personificada na pessoa de um lobito de 8 anos de uma alcaideia a que pertenceu o padre Ferreira.

Em resumo é o seguinte:

" O lobito estava empenhado de alma e coração na ideia de ir ao Acampamento Nacional, e como verdadeiro escuta que já era, pensou que não merecia ir a tão grande festa de confraternização escutista se não tivesse boa nota no exame.

É mais tarde o pai, que era remediado, prometeu-lhe um relógio se ele passasse com distinção no referido exame.

Entretanto a irmã adoeceu e o pai viu-se na contingência de empenhar as jóias da mulher e levar a filha para Lisboa, ou então deixar adiantar a doença.

O filho, que lá por ter 8 anos não deixava de ter o pensar dum verdadeiro homem, e que já tinha o espirito formado sob os princípios escutistas, foi ter com o pai e disse-lhe que desistia do relógio e que ele empregasse esse dinheiro na viagem para Lisboa.

Assim este Lobito praticou com verdadeira alma escutista uma grade e boa acção."

A seguir um chefe dos mais antigos em campo fez as perguntas habituais. Logo depois cada escuta, um por cada vez, adiantou-se e estendeu a mão direita sobre o Evangelho e fez a sua promessa, tendo nessa ocasião a madrinha poisado o chapéu e colocado as divisas.

Para terminar arriou-se a bandeira nacional ao som da primeira estrofe do hino nacional cantado por todos os rapazes.

Os novos escutas desapareceram logo que puderam pois que todos queriam estrear o chapéu dando-lhe pancadinhas amigáveis - marros!!!.

Um dos seniores do grupo - o que fez a promessa - foi incumbido pelo chefe de campo para ir fazer sentinela para a porta da quinta.

NOITE DE 2 PARA 3:-

O cozinheiro, ou os ajudantes esqueceram-se de olhar pelos tachos do que resultou ficar a massa com o aspecto de um bocado de massa de vidraceiro.

Assim os rapazes comeram mais rapidamente do que pensavam e às 9 e 30 já estavam a assistir ao Terço.

Logo após o Terço foram todos para o Fogo de Conselho, e se alguém passasse por ali havia de pensar que estavam nalgum conselho indio, porque estavam quasi todos embrulhados em mantas de cores variadas.

O Fogo de Conselho decorreu animadissimo com a apresentação de coisas divertidas, como por exemplo o julgamento de um mudo, as anedotas do assistente, numeros musicais, "intermezzos", etc., mas por absoluta falta de tempo ficaram ainda muitos números por se ouvir.

O sinal de retirar souu às 11 e 55 da noite, acobichado com bastante pesar por todos porque era o sinal que tinha acabado esta festa que tão humanamente une todos os irmãos escutas como verdadeiros filhos de Deus que são.

Nesta segunda noite todo o acampamento dormiu a sono solto porque estavam todos cansados fisicamente e com o espirito completamente livre de pensamentos tristes.

SEGUNDA-FEIRA: -

Quando acordaram já não puderam admirar o nascer do sol do ultimo amanhecer deste grande acampamento fraternal, porque o sono não lhes permitiu essa graça.

Como era o ultimo dia começaram logo pela manhã a dispor todas as coisas de maneira a poderem levantar o acampamento logo que para isso recebessem ordem.

Houve missa dirigida pelo Assistente do campo e o hastear da bandeira.

O almoço foi servido por volta das 2 horas e meia, em que o bacalhau com batatas não faltou.

Depois de terem arrumado a cozinha foram todos passear pelos outros acampamentos tendo sido tiradas fotografias por um senior.

Ac fim da tarde antes de efectuar o arrear da bandeira houve um coro falado acompanhado por todos os escutas, intitulado : "SANTA CRUZ".

Logo a seguir regressaram ao local destinado ao grupo e arrumaram todo o material dentro das mochilas e depois de estarem todos equipados puseram-se em foco para serem fotografados.

Iniciou-se o regresso a Paço d'Arcos ao som da alegre cantiga adaptada do inglês: you knidy.

Fez-se pelo interior da região, pedestremente, pondo-se assim à prova a resistencia dos rapazes que se mostraram até ao fim alegres e despreocupados.

A. J. S. C. F.



1 de Maio de 1940

Promessa na igreja do Socorro em Lisboa

Foto tirada nesse dia no Campo de Sant'ana
como o escuta Luende e o aspirante Borges



Gravado
Cinco heróis e um
carro abandonado.



1940
Acampamento
em Carvide
na Quinta de
Luante Alegre do
Grupo n.º 80 Martin Lianiz



1940 2.ª P. 1. 1. 1.



Dedicatória inserida
no verso desta fotografia

A meu amigo Bobim
Ofereço a sua foto como
prova de sincera amizade.
(Praça Azul) 23/5/48
(Linitilas)
a) Henrique

Lagoa Azul - 1941



No cume do
Penedo do Ovos



A beira da lagoa

Acampamento do Grupo Campista
Amigos do Tatuagem em Rio de
Leuro - 1942



H
Luatta
reuida



Cinco fiices



Tela indiana



*Tião
se assustou
e a brincar...*



Oh!... sono fritti!...

Acampamento da Caravana Campesista Brasileira
na Alvorada, na Costa do Ceará - 1943



3 Boligons numa ilha



Os manos Alexandre





È bene
fazer ginastica



a C.C.R.A



A caravana parte

*Acampamento Popular
em Rio de Janeiro*

1944



Grupo Camperista Flor de Luz





GRUPO CAMPISTA ESTRELA

Foi fundado em 11 de Maio de 1942 e é composto por oito campistas divididos em duas acções: acção ciclista dirigida por Jaime Carvalho da Cruz, campista veterano e acção entusiasta de vida ao ar livre; acção pedestre dirigida por Jaime de Oliveira e Castro.

Material: duas tendas *condomium* com teto duplo, duas tendas *condomium* simples; uma tenda *house de potela* e um interessante atrelado para bicicleta além do restante material indispensável já bastante aperfeiçoado.

Desde a sua fundação tem realizado, este grupo, bastantes acampamentos de fim de semana e passeios pedestres.

Quando esta notícia sair esta este activo agrupamento acampado, durante uma semana, em Beira. Terminado este acampamento partirá a sua acção ciclista para uma digressão ao norte do país visitando, entre muitas outras, as seguintes localidades: Santarém, Castelo Branco, Covilhã, Guarda, Vila Real, Comba Dão, Louan, Pombal,

Leiria, Nazaré, Peniche e Torres Vedras, num total de 1.164 K.^{ms}, durante 20 dias.

Saudando, na pessoa de Jaime Carvalho da Cruz, a quem apresentamos estas informações, este excelente agrupamento campista desejamos-lhe felizes realizações e longa vida em prol do campismo, que com tanto entusiasmo praticam e divulgam.

CORREIO

Manual Sotto Major Negrão Moção Frio

Muito grato pela sua carta no estado actual em que se encontra a Europa não lhe será fácil adquirir o que pretende. Em tempo de guerra é fácil adquirir no Instituto Geográfico e Cadastral—J. da Estrêla, Lisboa — um bom auxiliar para as suas excentrões. Assim... recorra ao sul, à lua, à bussola, a informações locais e... ao cérebro. Demais Março e Montemuro não é o Amazonas; ni é... Portugal.

A. Fernando Veiga Lisboa

Agradeço imenso as suas informações. Em breve publicarei a notícia do seu grupo. Bom Campismo.

Alberto Sá Lisboa

Agradeço a sua carta que muito apreciarei. Felicito-o pelo êxito da sua excursão. Bom Campismo.

14 de Abril de 1946

A lousa de homenagem, oferecida pelos
seniores do Grupo n.º 80 ao seu chefe, e grande
amigo meu Sr. Armando Encarnação
Lourinho



O homenageado



Dois aspectos do Banquete





O 80 depois do almoço



Atacado. Honrado Mourinho
Remete: Acampamento Nacional do C.N.
Rua de Lisboa - p. 80
Rua de Ordais - TOMAR

14-4-1944 Acampamento do p. 80

Pinhal do



Aruciro

Jogar a bandeira



Guia e sub-guia
da Patrulha S. Luiz
Gongaga



Silverio Pinto



Som cabeças

1-1-1945. Visita ao Sr. Cardeal
Patriarca de Lisboa



Alguns escutas



O 80 em Belém



Geronimos





Escola Agrícola
da Passã.
Acampamento do Clã
de Senhores de Lisboa.



Luata de Corroios - Acampamento
das unidades de Lisboa.



Pinhais do Arcebis
Acampamento da
Patrulha S. Luiz Gonzaga



Lagoa
Azul
Acampamento
individual

1946



Depois da Procissão

de



Senhora Senhora da Saúde.

1946-

Insignia de Andersen



Cascas - Boca do Inferno

8 de Fevereiro de 1946



Começa nesta data o
aspirantado da Patrulha
Esquilo.



Os primeiros aspirantes



no campo



a caminho da maturoza



*na janela da
sede provisoria*



quinta a igreja





Os moscos vambos são os animais
que vivem no campo

O Corpo Nacional de Escolas em Paço de Arcos

Dentro das actividades do grupo, não do mesmo movimento, como agora a res à Ilha da Cascais.

Paço de Arcos e a primeira comunidade naquela região a inaugurar o C. N. E.

Desde há quatro anos que um rapaz cheio de boa vontade, António Fernando Veiga, se tem esforçando por ali lançar as raízes do acatamento católico. Não lhe foi fácil o tarefa, pois por três vezes já não conseguiu Porém, como ali mesmo nos dias numa carta recebida há dois dias, não desistiu, antes redobrou de esforços.

Volto ao principio procurando agora no sr. P. Manuel Paiva Vidreira, que ali fundou a Casa dos Doentes e o trabalho de há uns meses, hoje voltando a este e tal do o mais que se impôs como necessário. Estavam vendidas duas grandes dificuldades: o primeiro a sede.

O sr. P. Paiva Vidreira é uma alma devotada ao apostolado do jornalismo, que na o Espírito o entusiasmo e imediatamente se colocou ao seu serviço.

Apresentou rapazes (aparecem sempre rapazes...). Se há tantas necessidades de equipar e dirigir, então, comecemos o aspirantado

com o fim da inauguração, que o mesmo informador nos dá serem óptimas. Aqui está o termo do trabalho, onde poderão sair futuros chefes e para os guias de outras paróquias.

Assim, no sábado, 26 de Abril, foi possível inaugurar-se a Patrulha Esquilo. O programa começou pela costumada *Letada de Armas*, às 21,30, com a presença do Assistente e de escutas dos grupos 29 e 30. Às 10 horas do dia seguinte realizou-se a primeira sessão dos novos escutas, estando presentes o Assistente, o Chefe geral para a formação de novos grupos sr. Gonçalves Rodrigues e os grupos 29, 30 e 30.

À tarde houve uma sessão de súplica, devido à gentileza do sr. Mota, do Paço de Arcos, com filmes culturais.

Em determinada altura, durante um dos intervalos, falou o sr. Gonçalves Rodrigues sobre a importância das escutas. Falou também o sr. P. Paiva Vidreira que nos fez lembrar de justo espaço para os trabalhos que se vão a fazer. O trabalho da criação do escutismo em Paço de Arcos e levantou as possibilidades na conquista da comunidade para o caminho da juventude.

O instrutor, sr. Veiga, de conhecido, não pôde agradecer as palavras a sua pessoa e aos jovens escutas.

Apos o interessante espectáculo serviram um abundante lanche de Jovem em escutas e a todos os presentes.

A Patrulha Esquilo, por enquanto, fica agregada ao grupo 30.

* * *

Gostosamente damos relevo a esta participação para chamarmos para ele a atenção de tantos grupos, pois que nele há de aprender e ver quanto pode a boa vontade e o espírito escutista de um rapaz, que soube vencer o desânimo ao sair do ser chamado por este grupo e seu propósito.

E já um novo semeador de bons princípios nesta zona inocua e desfiada da nossa juventude. Não deve esquecer-se, certamente, que isso não é bem escutismo; mas ao obter-se do grupo, durante um concurso de ter tido que BOA ACCAO reveladora de um plano de trabalho nesta, obra de bem e de interesse por actuação que não está apenas a dar o nome a quem se trabalha com direito de escutas.



Patrulla Esquilo
1947
Paseo de Arcos

1947 - Pano de burro dos
Tucanos



Na semana de Ostras



Os esquilos e o futuro
e chefe



Arrear da Bandeira
em Ostras



Alpinismo



Os primeiros escutas



Os mais pequeninos



à porta da sede



1947 - Acampamento no
Pinhal do Arceiro
da Patrulha Esquilo



Via...avante.



Em plena natureza



Ouvico suíçaro



O futuro chefe



Todos eram bons rapazes



Os esquilos ruminavam

1947 - Acampamento na Escurta
da Ferrugem da Patrua
Esquilo



Descanso no caminho
com um convidado



Antes da partida





*Chegada à Quinta de
Terrugem*

*Depois do futuro
chefe agradecer ao
caseiro.*





Recordação da
Lusidade Portuguesa



Esquiños

Aspirantes a
lobitos
juniores e
seniores



O futuro Grupo com
a futura Alcaideia

Los días de semana

Junto da sede



Onde samos trabalhar

Um Esquilo



O C. N. E. em marcha

A inauguração do Escutismo na Vila de Paço de Arcos

Foi na manhã fresca de 27 de Abril—ainda soavam aos nossos ouvidos os ecos da linda festa de S. Jorge, na Sociedade de Geografia, de Lisboa,— que na Vila de Paço de Arcos, a dois passos da Costa do Sol, se inaugurou o nosso Movimento.

Parece mentira, mas é verdade, mesmo ali tínhamos ido. Deixando o comboio eléctrico, quando nos dispúnhamos a orientar-nos, vimos que nos seguiam bastantes escutas. Eram os rapazes do Grupo n.º 80, de Lisboa, que também se dirigiam para aquela Vila, a fim de assistirem às solenidades da inauguração da nossa Associação, numa manifestação de simpatia que lhes fica bem.

A dois passos da pequena capela do Senhor Jesus dos Navegantes, num edificio que tem o seu quê de medieval, lê-se este sugestivo letreiro: *Casa dos Rapazes*.

Para lá nos dirigimos, pois é ali que é a Sede do Corpo Nacional de Escutas. Aguardavam-nos os novos escutas — uma Patrulha, para começar...

Uma ligeira vista de olhos por aquelas caras novas e logo nos deixamos prender de simpatia por aqueles novos filhos do C. N. E.

Após uns ligeiros «releques» no ensaio do Diálogo e da Promessa, encaminhamo-nos para a capela, tendo ao Santo Sacrificio da Missa recebido o Pão dos Fortes os novos Escutas.

Depois da Missa, o Rev. P.º Videira, Agostinho Prior da freguesia, dirigiu aos rapazes uma vibrante alocução tomando como tema o artigo primeiro da Promessa e que causou em todos os presentes funda impressão.

Seguiu-se a cerimónia, sempre linda, da Promessa, acto que é presidido pelo Chefe Geral para a Formação de Novos Grupos.

Carbosos, os rapazes responderam às perguntas regulamentares e ante o Chefe Divino entenderam a sua mão direita. Algumas gentes Senhoras de Paço de Arcos testemunham o acto como madrinhas.

Depois destas cerimónias, que foram presenciadas por grande numero de pessoas, os novos escutas e os rapazes do 80 bivacaram numa quinta próxima, onde, além de vários jogos, os mais velhos trataram da confecção do almoço.

A tarde, no salão de festas da «Casa dos Rapazes», efectuou-se uma sessão comemora-

tativa, tendo durante ela, sido exhibidos alguns filmes que causaram na assistência vivo interesse.

Num dos intervalos o Chefe da Formação dos Novos Grupos, fez uma palestra sobre o C. N. E.

E estas comemorações findaram com algumas palavras do sr. P.º Videira nas quais deixou mais uma vez transparecer o seu grande entusiasmo pelo Escutismo e o seu grande amor pela Juventude.

Não queremos findar estas ligeiras referências à inauguração do C. N. E. na Vila de Paço de Arcos, sem exteriorizarmos o nosso apreço pela dedicação manifestada nos trabalhos de organização pelo Senior António M. Velga, do Grupo n.º 80, e Chefe Armando Mourinho, do mesmo Grupo, pela cooperação prestada ao C. N. E. em Paço de Arcos.



Direntes que assistiram e presenciaram a inauguração da Patrulha Equilíbrio



Bozo no primeiro dia os Equilibrados fizeram o almoço me

O C. N. E. em marcha

PAÇO DE ARCOS DE NOVO EM FESTA

A inauguração do «Alcateia» «Senhor Jesus dos Navegantes» e do Grupo «Patrão Lopes»

Paço de Arcos, a linda Vila da Baixa, Tejo, esteve de novo em festa. No passado dia 28, foi inaugurado solenemente a Alcateia «Senhor Jesus dos Navegantes» e o Grupo «Patrão Lopes», tendo os trabalhos sido orientados pelo Chefe da Formação de Novos Grupos.

Na véspera, à noite, na capela da localidade, realizou-se a tradicional *Vejada de Armas* na qual tomaram parte não só os novos aspirantes, como os seus irmãos mais velhos, da Patrulha inaugurada em 27 de Abril.

Também assistiram a esta cerimónia religiosa alguns rapazes dos grupos n.º 48 e 80, de Lisboa.

No dia seguinte, manhã cedo, já a sede do C. N. E. aninhava um movimento desusado. Eram os novos lobitos e escutas que, ansiosos pela hora da sua Promessa, a ela haviam percorrido madrugadores.

Às 9. horas, na execução do programa da inauguração, novos e antigos escutas assistiram ao Santo Sacrifício da Missa, recebendo todos os rapazes e alguns componentes dos grupos visitantes a Sagrada Comunhão.

A todos os comungantes é depois servido na Sede, o pequeno almoço, enquanto a maioria dispersa em passeio pela Vila e vai tomar banho e praia.

Ao meio dia todos os escutas se concentraram numa Quinta própria, donde em desfile impecável atravessaram as principais ruas da Vila a fim de assistirem à Missa Cam-

pal, que foi celebrada no largo fronteiro à Sede do C. N. E., pelo Pároco da Vila de Paço de Arcos e Assistente das novas Unidades, Rv.º Manuel Silva Videira.

Finda a missa, efectuou-se a Promessa Solene dos novos lobitos e escutas. Primeiro aproximam-se do altar o Chefe do Grupo sr. António Fernando M. Veiga, seguindo-se os Dirigentes da Alcateia D. Ivone M. Nascimento Veiga e D. Maria M. Nascimento.

A seguir, com a graça que lhes é peculiar, fizeram a profissão escutista os lobitos.

Por fim, foram os Escutas convidados diante do Chefe Supremo, a erguerem o braço.

Tal como em idênticas cerimónias, Senhoras de Paço de Arcos, acompanharam os rapazes e seus chefes, como madrinhas.

Pela direcção das novas unidades, foi, à tarde, oferecido a todos os rapazes dos grupos de Lisboa e Barreiro que assistiram à inauguração, uma merenda, tendo nessa ocasião lido nos escutas o Chefe Regional de Lisboa sr. Capitão Godinho, respondendo, em nome de todos, o chefe Gonçalves Rodrigues.

A fludar, os novos componentes do C. N. E. e os rapazes visitantes tomaram parte activa na grandiosa Procissão do Senhor Jesus dos Navegantes conduzindo os lobitos e escutas alguns adutores, prestando serviço de ordem os Senhores e Dirigentes.

Renovando os nossos agradecimentos por todas as atenções que nos dispensaram, durante a inauguração desejamos aos rapazes de Paço de Arcos e os seus Chefes «boa caça».

VELHO AKELÁ

Inauguração do Grupo n.º 82 Patrão Lopes e da Alcaetia n.º 30 Senhor Jesus dos Navegantes



Deposando flores no monumento de Patrão Lopes

A MISSA SOLEMNE

Deposando flores no monumento de Patrão Lopes e da Alcaetia n.º 30 Senhor Jesus dos Navegantes, em 4 de Junho, de 1944.

O C. N. E. em marcha em Paço de Arcos

Qualitativa segue ter anunciado, tendo realizado no passado domingo na vila de Paço de Arcos as cerimónias inaugurais da fundação dum Grupo e de uma Alcaetia, respectiva religião esta da Costa.

Há já algum tempo que o grupo, em conjunto com alguns indivíduos, tem vindo a trabalhar para a fundação de novos Grupos, dedicando-se ao trabalho de toda a natureza e unidos na sua missão. Dada a circunstância de se realizarem as tradições religiosas do Senhor Jesus dos Navegantes, o director da gente de mar e do Paço de Arcos, em consequência do trabalho para a inauguração de duas unidades.

No sábado anterior na capela do Paço de Arcos, Comendador Albuquerque realizou-se a costumada velada de armar presidida pelo rev. P.º Manuel Viderra, arcebispo vigário de Paço de Arcos, tendo dirigido palavras elocuentes no acto o rev. P.º José Luciano Va-

lente da Silva, vigário de Laveiras (Casais) que igualmente pregou o tributo preparatório para as solenidades religiosas em honra do Senhor Jesus dos Navegantes.

No dia seguinte, pela manhã os novos escutas e alcaetias ouviram missa e comungaram pelas intenções do C. N. E. A cerimónia da profissão solene dos novos elementos efectuou-se depois da Missa Campesina celebrada em honra do Senhor dos Navegantes, tendo a ela presidido os rev. conde Álvaro Rodrigues e Alberto Simões, este como secretário regional de Lisboa.

De tarde organizou-se um desfile pelas ruas da vila, no qual tomaram parte não só os novos elementos, mas também as delegações de quem tocam as unidades da Região e do Núcleo de Lisboa que gostosamente se associaram às festas. Chegados ao local onde se ergue a estatua do Patrão Joaquim Lopes, passaram um ramo de flores, tendo nessa altura o sr. Capitão Carlos Alberto Godinho, Chefe Regional, pronunciado algumas palavras encorajadoras ao acto referindo-se aos laços de fraternidade em favor de tanta humanidade que ajudam a salvar.

As festas terminaram com a realização de um adicional processo, que teve início nos princípios da tarde, tendo sido presidida por parte dele e auxiliado por sr. João Vileira, assistente das actividades locais na sua organização.

Aprovação das festas, de elementos regionais e antares suas tendas numa esplêndida quinta em Paço de Arcos, onde fizeram vida de campo.

Além dos citados elementos, contou em Paço de Arcos como representantes do Secretariado da Propaganda, o Adjunto do Secretário Geral, bem como muitos dirigidos.

Festas em Paço de Arcos

em honra

do Senhor Jesus dos Navegantes

Com pompa e o significado religioso dos anos anteriores, realizaram-se hoje, em Paço de Arcos, os festejos em honra do Senhor Jesus dos Navegantes, padroeiro da gente do mar. Às 9 h. 30, houve missa solene, com comunhão aos escuteiros, que foi rezada na capela da Senhora das Aldeias, em virtude da qual a vila se encontra em obras de restauração. Foi celebrante o reverendo padre Manoel Paulo Marques, prior da freguesia de Paço de Arcos. Depois da missa, foi oferecido um almoço, na Casa dos Rapazes, aos escuteiros que comungaram.

No Largo da igreja do Senhor Jesus dos Navegantes houve, às 12 horas, missa campal, para a qual foi improvisado um altar, sob uma estrutura em que se via a cruz de Cristo. Foi celebrante o prior daquela freguesia, e á elevação os clarins dos internados do Reformatório de Caldas tocaram em continência.

A missa terminou com a bênção do Santo Espírito. Assistiram ao acto os escuteiros, legionários internados no Refeitório de Caldas e imitadores que enchiam por completo o templo. Entre eles viam-se muitos marinheiros com os seus traços característicos. Toda a esplanada religiosa, de novos escuteiros—os futuros—prestaram a sua promessa de honra á organização escultista.

Às 18 horas, realizar-se-á a tradicional procissão do Senhor Jesus dos Navegantes, que percorrerá as principais ruas da vila e será acompanhada pelas bandas da Casa dos Pescadores e da Fundação de Oeiras. Proceder-se-á, também, á bênção dos barcos em que tomarão parte algumas dezenas de embarcações de pesca e foles de tecido.

Inauguração

27/8/1947



Luisa Campal



Assistência
à
promessa dos novos
escutas

1947 Reaupramento na Lagoa Trizias



Tradando em sêco

Depois do banho



1947 Acampamento em Pegão
Carmópolis



Uma cena setagem



junto do grande mar



Panico à Cova da Luíra 1947



Sempre felizes como
todas a cantar...

As furnas da
Cova da Luíra





Emprego chato...
Com alguns dos meus rapazes



É aqui apareceu a diabetes.
Então tão magrinho!...

1-1-1948

1-1-1948



Meatiera n.º 35



15-1-1948



A Direção das unidades de
Papo de Arco



Ela mais a minha Vônica

1948 - Visita de estudo
ao Palácio da Pena e ao
Castelo dos Lóios em
Sintra



O caminho da Pena

O caminho
do
Castelo dos Lóios

